

Avaliação e comparação da qualidade de vida de pacientes brasileiros e venezuelanos com doença renal crônica em tratamento hemodialítico em Roraima.

Lucas Cael Azevedo Ramos Bendaham^{1*}, Aline Candido Prado Aguiar^{1}, Bruna Kempfer Bassoli^{2***}.**

¹Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Roraima, Curso de Medicina, Boa Vista, Brasil;

²Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós Graduação em Ciências da Saúde (PROCISA), Boa Vista, Brasil.

* lucas.cael_azevedo@hotmail.com

** alinecandido86@gmail.com

*** bruna.bassoli@ufr.br

Palavras-chave: Hemodiálise, Qualidade de Vida, Doença Renal Crônica.

Introdução: A doença renal crônica (DRC) tem como características ser lenta, progressiva e definitiva, o que contribui para a menor qualidade de vida encontrada nos pacientes com essa patologia. Nesse contexto, ressalta-se que devido à crise econômica na Venezuela, existe uma onda migratória muito intensa de venezuelanos, inclusive com agravos de saúde como DRC, buscando amparo no Brasil, principalmente em Roraima.

Objetivo: Avaliar e comparar a qualidade de vida de pacientes brasileiros e venezuelanos com DRC em tratamento de HD em Roraima.

Métodos: Essa é uma pesquisa transversal observacional e descritiva, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, feita com 116 pacientes com DRC em HD em Roraima entre o período de setembro de 2022 e julho de 2023. Foram aplicados um questionário sociodemográfico e o questionário Kidney Disease Quality Of Life Instrument-Short Form (KDQOL-SF) e feita uma análise descritiva dos dados.

Resultados: Dos 116 pacientes com DRC em HD, 26,72% eram venezuelanos e 73,28% brasileiros. Ainda, 58,82% dos brasileiros eram do sexo masculino e 58,06% dos venezuelanos do sexo feminino. Dos brasileiros, 51,77% tinham entre 45 a 64 anos, 44,71% estavam solteiros e 67,06% ganhavam até um salário mínimo. Dos venezuelanos, 64,52% possuía entre 20 a 44 anos, 74,19% eram solteiros e 96,77% ganhavam até um salário mínimo. Ainda, dos pacientes brasileiros, 34,12% possuíam o ensino fundamental incompleto e, dos pacientes venezuelanos, 49,39% possuíam o ensino médio completo. Quanto às comorbidades, comparando-se brasileiros e venezuelanos, observou-se diferenças na hipertensão Arterial (82,35% vs. 74,19%), diabetes mellitus (32,94% vs. 3,22%) e doenças autoimunes (7,05% vs. 12,90%). Quanto à qualidade de vida, as maiores discrepâncias nas médias entre brasileiros e venezuelanos foram nos domínios “função cognitiva” ($77,96 \pm 20,63$ vs. $67,96 \pm 17,92$), “sono” ($68,56 \pm 19,69$ vs. $61,69 \pm 21,23$), “satisfação do paciente” ($67,65 \pm 17,32$ vs. $76,34 \pm 22,68$),

“funcionamento físico” ($58,12 \pm 27,41$ vs. $73,39 \pm 21,62$), “limitações por problemas físicos” ($25,88 \pm 32,61$ vs. $35,48 \pm 40,71$), “dor” ($61,79 \pm 30,81$ vs. $72,02 \pm 26,10$) e “limitações por problemas emocionais” ($50,59 \pm 43,83$ vs. $72,04 \pm 40,46$).

Conclusão: Dessa forma, observa-se diferenças expressivas nas características das duas populações estudadas. Com isso, urge-se a necessidade de compreender melhor ambas as populações estudadas, a fim de prestar uma melhor assistência e cuidado a eles.